

HEIDEGGER: A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E A PERGUNTA PELO SER

Maria Clara CESCATO - UFPB, Campus IV
cescato@voila.fr
Eixo Temático 7 : Fenomenologia e Existência

Resumo:

Comentadores da filosofia heideggeriana, com frequência, observam a escassez das referências de Heidegger à redução fenomenológica como método de acesso a um horizonte de reflexão que coloca o ser-no-mundo do Dasein como questão primordial da filosofia. Também o papel da redução em sua filosofia é problemático, uma vez que ele critica a fenomenologia de Husserl por fazer dela uma ferramenta para aceder a uma consciência pura, atemporal e extra-mundana – uma pretensão insustentável, de acordo com Heidegger. Pois o ser-no-mundo do Dasein, como seu modo de ser originário, jamais pode ser colocado fora de consideração pela redução fenomenológica. Neste artigo, examinamos o papel da redução na fenomenologia de Heidegger, concentrando-nos sobretudo nas análises de *Ser e Tempo*.

Palavras-chave: redução fenomenológica, ser-no-mundo, Dasein.

Introdução

A filosofia de Heidegger se coloca no horizonte da fenomenologia de Husserl e, no entanto, suas reflexões parecem se situar num contexto de temas e questões totalmente alheios às preocupações e teses que ocupam Husserl ao longo de toda sua obra. De fato, em suas análises, Husserl com frequência aborda de modo privilegiado o método da redução como o procedimento pelo qual a fenomenologia obtém acesso à esfera da consciência transcendental e suas essências puras e atos intencionais, para torná-los disponíveis a uma descrição fenomenológica. Heidegger, ao contrário, raramente aborda questões relativas ao emprego do método fenomenológico¹ e quase não comenta a função da redução como meio de disponibilizar o fenômeno para a análise fenomenológica. Não apenas isso, embora reconhecendo, mais de uma vez, sua dívida para com Husserl, numa carta escrita a ele por ocasião da elaboração do artigo sobre a fenomenologia para a *Enciclopédia Britannica*², Heidegger critica a concepção da redução nos termos da fenomenologia husserliana. De acordo com Heidegger, a redução não pode ser entendida como uma mera ferramenta filosófica para colocar o mundo entre parênteses e revelar uma consciência transcendental pura, atemporal e extra-mundana. Pois o ser-no-mundo do Dasein, como seu modo de ser originário, é o fundamento para além do qual é impossível interrogar. Ele não pode, dessa forma, ser colocado fora de consideração pela redução fenomenológica.

¹ Com exceção de *Ser e Tempo*, em que Heidegger apresenta o campo temático de sua ontologia fenomenológica.

² Carta reproduzida em: E. Husserl, anexo a *Phänomenologische Psychologie. Husserliana*, vol. IX. Haia, M. Nijhoff, 1968, p. 600 e s.

Essa crítica tem consequências filosóficas e, evidentemente, coloca em questão o papel da redução na ontologia fenomenológica de Heidegger, em especial nas análises de *Ser e Tempo*. É esse papel da redução fenomenológica em *Ser e Tempo* que vamos tentar compreender. Com esse objetivo, vamos inicialmente abordar a função da redução na fenomenologia de Husserl para, então, examinar o modo como Heidegger dá nova função ao método da redução no contexto de sua filosofia.

Heidegger e a Fenomenologia de Husserl

Husserl desenvolve sua fenomenologia no contexto dos desafios impostos pelos rumos que tomavam as ciências no início do século XX. Para combater as tendências positivistas das ciências do homem (nas figuras do logicismo, do historicismo e do psicologismo), por reduzir o mundo e a experiência humana a objetos manipuláveis instrumentalmente, mas também as da própria filosofia, por ignorar o sujeito que produz o conhecimento e o próprio mundo da vida, da experiência pré-científica, Husserl busca um método filosófico que permita superar o reducionismo científico e torne possível o “retorno às coisas mesmas”, aos “fenômenos”, ou aquilo que “aparece” à consciência. A intencionalidade e a redução fenomenológica serão as ferramentas desse método, o método fenomenológico.

Nossa consciência se caracteriza por ser consciência de alguma coisa. Ela é sempre intencional e o fenômeno que aparece a ela é sempre um objeto intencional dela. Mas a intencionalidade não se dirige ao objeto num ato neutro e, sim, por uma forma específica de visar o objeto, por um ato intencional específico. Ela pode visar o objeto *como* objeto perceptivo e, assim, se dirigir aos objetos do mundo dados como objetos da percepção como, por exemplo, “este pedaço de cera” que Descartes analisava em suas *Meditações*. Mas ela pode visar o objeto *como* objeto da imaginação e formar a imagem da “Quimera” ou de “Pégaso”. Assim, a consciência intencional fornece um campo de objetos específicos, ou fenômenos, que podem ser estudados enquanto dados a ela em suas diferentes atitudes intencionais. No entanto, para que esses fenômenos apareçam em sua essência, isto é, em sua pureza de objetos intencionais, é preciso evitar a contaminação pelo mundo exterior. A redução fenomenológica tem essa função: ela coloca o mundo “entre parênteses” e afasta o fenomenólogo da “atitude natural”, para que ele possa ter acesso aos objetos da consciência, livre dos preconceitos da atitude natural. Ela permite ao fenomenólogo observar, em sua pureza, os “fenômenos” da consciência, para que ele tenha acesso privilegiado aos conteúdos dela em sua evidência original e possa examinar a essência dos fenômenos dados à consciência, assim como a essência dos atos e estruturas intencionais na origem dos fenômenos da consciência.

É no modo como investigam a essência dos fenômenos dados à consciência e os atos intencionais da consciência que as fenomenologias de Husserl e Heidegger começam a divergir. Para Husserl, a análise da consciência purificada pela redução fenomenológica dá acesso às “coisas elas mesmas” na medida em que torna possível o exame da constituição original delas na consciência. Por isso sua investigação se concentra na análise e descrição dos atos intencionais da consciência e das essências lógicas dos objetos desses atos. Ela privilegia, portanto, a análise da consciência e seus objetos intencionais, em vista de uma descrição imparcial dos fenômenos da consciência. Para Heidegger, ao contrário, a redução deve revelar o ser-no-mundo do Dasein como o fundamento para além do qual não é possível investigar, pois ele é a própria estrutura constitutiva do Dasein. A redução não pode ser, então, como pretende Husserl, o simples colocar do mundo fora de consideração, para disponibilizar uma consciência transcendental pura, porque a relação com o mundo está inalienavelmente inscrita no modo de ser do Dasein.

A Crítica de Heidegger e o Re-situar da Análise Fenomenológica

Para entender a crítica de Heidegger ao modo como Husserl concebe o método fenomenológico, é preciso examinar o que envolve a redução fenomenológica, na medida em que ela deve suspender nossos juízos sobre o mundo, ou “colocar o mundo entre parênteses”. Tanto para Husserl quanto para Heidegger, “mundo” significa a “totalidade do real”, ou a “totalidade dos seres”, a “totalidade do ente”. Na medida em que – e esse era um requisito para a compreensão do sujeito no domínio transcendental já na filosofia de Kant – não é possível o acesso a essa realidade independentemente do sujeito e de sua atividade de constituição do sentido, é preciso suspender nossa relação imediata com a realidade do mundo, para examinar a constituição transcendental daquilo que denominamos o “real”, ou a “totalidade do ente”, para examinar como constituímos o mundo como sentido. Isso nada mais é que “reduzir” o mundo, ou suspender nossos juízos sobre o mundo, a “totalidade do real”, a “totalidade do ente”, para ser possível interrogar sobre o sentido desse mundo sobre o qual nos abtemos de julgar. Assim, é a redução que disponibiliza o mundo, enquanto “totalidade do ente”, como fenômeno para a descrição fenomenológica.

Até esse ponto, podemos afirmar, há concordância entre Heidegger e Husserl. Ambos concordam em que, para ser possível o acesso aos objetos da análise fenomenológica, é preciso assumir o ponto de vista transcendental da constituição do sentido e, para isso, é preciso colocar o mundo entre parênteses, é preciso operar a redução fenomenológica. A discordância entre ambos começa a se manifestar no momento em que a aplicação do procedimento de redução configura o campo de fenômenos que se tornam disponíveis para a descrição fenomenológica.

Para Husserl, a aplicação da redução fenomenológica revela uma consciência transcendental absoluta, pura, atemporal, refratária a toda pressuposição e fora de toda relação com o mundo. É justamente a possibilidade desse acesso a uma consciência absoluta, pura, livre de pressupostos – extra-mundana – que Heidegger objeta na carta a Husserl que mencionamos acima. De acordo com Heidegger, o Dasein, o ente pelo qual a constituição transcendental do mundo como sentido é possível, está irreversivelmente “no mundo”, está indissolivelmente em relação com o mundo. Ele é o ente cuja natureza se define como “ser-no-mundo” e é nessa condição que ele constitui o mundo como mundo, que o mundo pela primeira vez se torna disponível como sentido³. Assim, ao colocar o mundo entre parênteses, a redução fenomenológica não pode simplesmente obliterar o mundo e se fechar numa consciência pura, atemporal, extra-mundana. Fazer isso seria inviabilizar a própria dimensão constitutiva de todo sentido, seria suprimir a própria instância que disponibiliza o sentido – o Dasein, o ente cuja relação com o mundo está inscrita em seu modo de ser.

Sem dúvida, para que o mundo se torne um fenômeno disponível para a descrição fenomenológica, também para Heidegger, o fenomenólogo deve suspender a relação imediata com o mundo e se situar na perspectiva transcendental. Ele deve operar a redução fenomenológica. Mas essa operação não dá acesso a uma consciência pura, atemporal, extra-mundana, como pretende Husserl. Pois, na medida em que o mundo não pode ser posto fora de consideração por uma análise que deve dar conta de um sentido unicamente possível pelo Dasein, o ente cuja essência é o ser-no-mundo, a redução somente pode se constituir como um recuo em que, abandonando a relação imediata com o mundo, o fenomenólogo pode ter acesso a esse mundo *enquanto constituído* como mundo pelo Dasein. A redução passa a ser, então, a operação pela qual o fenomenólogo coloca o mundo fora de consideração, para tornar o mundo enquanto constituição, o mundo enquanto mundo, disponível para a descrição fenomenológica.

Assim, para Heidegger, a redução não pode mais ser o modo de acesso privilegiado a uma consciência transcendental pura, extra-mundana. Ela é agora o modo como a relação do Dasein com seu mundo pode ser tematizada, pode ser constituída como objeto para o fenomenólogo. Ela é o colocar do mundo entre parênteses para que a constituição do mundo como mundo se torne um fenômeno disponível para a análise fenomenológica.

O Novo Horizonte da Análise Fenomenológica e a Questão do Ser

³ Na medida em que a constituição do mundo como mundo deve se dar na relação do Dasein com o mundo, o problema da constituição do sentido esbarra num pressuposto, o mundo – o horizonte da constituição do sentido pelo Dasein e o próprio sentido constituído pelo Dasein – e, assim, no problema do “círculo hermenêutico”, uma questão relevante para a compreensão dos limites com que pode se deparar a redução fenomenológica, mas que deixamos de lado, dados os objetivos do presente texto.

Esse re-situar do objeto da descrição fenomenológica se revela essencial para a fenomenologia de Heidegger nas análises em que ele tematiza a relação do Dasein com o ser. Em *Ser e Tempo*, Heidegger toma como horizonte a necessidade de se recolocar a questão do ser, pois a metafísica, cuja tarefa seria investigar o ser, sempre foi, desde Platão, a história do “esquecimento do ser”. O ente é, sem dúvida, o modo como o ser se manifesta, no entanto, a metafísica sempre reduziu sua busca da verdade à busca da “verdade do ente”. Mas, então, para recolocação da questão do ser, a análise fenomenológica nos moldes de Husserl se mostra inapropriada. Na medida em que o ser somente se revela como “ser de um ente”, o fenomenólogo deve se voltar para o ente e focalizá-lo (ou visá-lo) de forma tal que sua análise se dirija para o ser desse ente. As análises de *Ser e Tempo* nos mostram que o Dasein é o ente no qual todo ser se constitui, pois ele é o ente em cujo modo de existir o mundo se constitui. Assim, a análise dos modos de ser-no-mundo do Dasein, ou seus modos de existência e de relação com o mundo, é uma forma privilegiada de acesso ao ser. Para que a análise fenomenológica efetivamente recoloca a questão do ser é preciso, então, que ela abandone a análise da consciência pura e se constitua numa analítica do Dasein. Em *Ser e Tempo* o método fenomenológico se torna o método do acesso ao ser por meio da analítica do Dasein.

Isso nos mostra que a análise fenomenológica em Heidegger continua sendo a busca das “coisas mesmas” por meio de uma análise constitutiva. Mas agora, situada no âmbito da pergunta pelo ser, ela se dirige para a forma de existência que torna possível todo ser. Por isso *Ser e Tempo* examina os diferentes modos de existência do Dasein, as diferentes formas de relação com o mundo pelas quais o Dasein tem acesso às coisas, em seus diferentes modos de ser-no-mundo, nas atitudes do dia a dia, nos utensílios, nos estados subjetivos como a angústia, ou mesmo na experiência fundamental do nada (a fuga do ente em sua totalidade) na origem da pergunta metafísica (em *O que é Metafísica?*). Isso significa também que, agora, a redução fenomenológica assume uma nova dimensão. Ao constituir como objeto da descrição fenomenológica o Dasein como o ente por meio do qual ela tem acesso ao ser, ela opera uma redução que o disponibiliza como fenômeno para a análise fenomenológica. Ela deixa, então, de ser a ferramenta pela qual a fenomenologia constitui a consciência em objeto privilegiado da análise e passa a ser a ferramenta pela qual ela faz do Dasein – como ser-no-mundo – seu modo de acesso ao ser.

Ao ignorar a relação com o mundo como condição da produção do sentido e reduzir a análise fenomenológica à descrição de uma consciência constitutiva, pura e atemporal, Husserl comete o mesmo erro que tem caracterizado a história da metafísica desde Platão: ele toma o ente pelo ser, pois entende que a constituição do ser deve se fundar num ente, a consciência constitutiva. A partir daí, a questão fundamental da

metafísica, a pergunta pelo ser, não pode mais ser formulada. O campo da fenomenologia se fecha para sua questão mais essencial, do ponto de vista da filosofia da existência.

Abandono da Redução Fenomenológica?

Qual, então, o papel que Heidegger reserva para o método da redução no âmbito de sua ontologia fenomenológica? O deslocamento da problemática do sujeito para a analítica do Dasein deixa evidente que *Ser e Tempo* reconfigura e reformula a problemática fenomenológica. No entanto, como vimos, essa reconfiguração somente é possível porque Heidegger subordina a aplicação da redução à restrição de que o ser-no-mundo do Dasein, como seu modo de ser originário, não pode ser colocado fora de consideração pela análise fenomenológica. A redução fenomenológica continua, então, a operar no horizonte fenomenológico de *Ser e Tempo*, mas agora, limitada por essa restrição, ela pode abandonar o ponto de vista da consciência transcendental pura e fazer do Dasein seu modo privilegiado de acesso ao ser.

Não é sem razão que as filosofias da existência vão retomar o horizonte da ontologia fenomenológica de *Ser e Tempo*. Ao colocar em foco a existência humana e as formas de se situar no mundo dessa existência, ela torna o método fenomenológico disponível para essas filosofias – algo interdito a elas pela redução nos moldes de Husserl, com sua limitação da análise fenomenológica ao exame da consciência constitutiva e suas estruturas intencionais.

Evidentemente, o fato de Heidegger não retornar à escrita da prometida segunda parte de *Ser e Tempo* nos indica que sua relação com o método fenomenológico pode envolver muito mais que apenas a passagem do ponto de vista do sujeito transcendental para a perspectiva do Dasein. Sobretudo, a debatida “virada” no pensamento heideggeriano, após a Segunda Guerra, com sua ênfase na linguagem e na reflexão sobre os modos de desvelamento do ser no poetar e na tecnologia⁴, sugere que o papel da redução fenomenológica deve se modificar, para que seja possível considerar essas novas formas de acesso ao ser. São pontos importantes, que merecem, sem dúvida, uma abordagem detalhada. Contudo, dados os limites de nosso estudo, podemos aqui apenas indicá-los.

Bibliografia:

HEIDEGGER, M., *Ser e Tempo*, trad.: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Vozes, 1988.
_____, *Conferências e Escritos Filosóficos*, trad. e notas: Ernildo Stein. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

⁴ Tecnologia que, de acordo com Heidegger, embora trazendo os riscos que ele não cessa de denunciar, constitui, por outro lado, a abertura de novas possibilidades de relação com o ser inaugurada pela modernidade.

- HUSSERL, E., *A Idéia de Fenomenologia*, trad. Artur Mourão. Lisboa, Edições 70, 1984.
- MCGUIRK, J., “Phenomenological Reduction in Heidegger and Fink: On the Problem of the Way Back from the Transcendental to the Mundane Sphere”. In: *Philosophy Today*, vol. 53, nr. 3, 2009, p. 248-64.
- MOURA, C. A. R., *Crítica da Razão na Fenomenologia*. São Paulo. EDUSP, 1989.
- SEEBURGER, F. F., “Heidegger and the Phenomenological Reduction”. In: *Phenomenology and Phenomenological Research*, vol. 36, nr. 2, 1975, p. 212-221. Agradeço à JSTOR a gentil cessão da versão eletrônica do texto para consulta.